

<http://dx.doi.org/10.1590/2176-457338576>

**A ironia como zona de confronto entre diferentes vozes/dizeres em comentários do Facebook / Irony as a Zone of Confrontation between Different Voices/Voicings in Facebook Comments**

André Cordeiro dos Santos\*

Girllayne Gleyca Bezerra dos Santos Marques\*\*

Siane Gois Cavalcanti Rodrigues\*\*\*

**RESUMO**

Neste artigo, partindo de discussões da ironia como estratégia discursiva, propomo-nos a analisar se, e como, a ironia serve de zona de diálogo e de tensão entre diferentes vozes/dizeres, evidenciando-se como um discurso de resistência da mulher. Para tanto, partimos do entendimento de linguagem do chamado Círculo de Bakhtin e das discussões sobre ironia como estratégia discursiva, além de considerações sobre a chamada cultura do estupro e os mitos a ela relacionados. Tomamos como *corpus* comentários de mulheres nos quais a ironia se faz presente, surgidos a partir de postagem anônima no Facebook, em páginas do tipo *spotted*<sup>1</sup>. A partir da análise dos dados, foi possível perceber que, por meio da apropriação dos discursos-mitos relacionados à cultura do estupro, as mulheres instauraram em seus enunciados zonas de tensão entre dizeres, caracterizando a ironia como discurso de resistência da mulher contra discursos machistas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ironia; Discursos-mitos machistas; Ironia-resistência da mulher

**ABSTRACT**

*In this paper, we propose to analyze if, and how, irony serves as a zone of dialogue and tension among different voices/voicings presented as discourses of feminist resistance. To this end, our concept of language is based on discussions developed by the Bakhtin Circle on irony as a discursive strategy as well as considerations about what is known as the rape culture and myths related to it. Our corpus is comprised of anonymous, ironic comments made by women on Facebook posts, on spotted pages. The results of the data analysis show that, through the appropriation of the discursive-myths related to the culture of rape, women introduced, in their utterances, zones of tension between messages, characterizing irony as women's discourse of resistance against sexist discourse.*

**KEYWORDS:** Irony; Sexist discursive-myths; Irony-feminist resistance

---

\* Instituto Federal de Alagoas – Campus Piranhas / Universidade Federal de Pernambuco, Faculdade de Letras, Maceió, Alagoas, Brasil; CAPES, Proc.1619951; <https://orcid.org/0000-0002-8760-192X>; [rdnao@hotmail.com](mailto:rdnao@hotmail.com)

\*\* Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Departamento de Letras, Recife, Pernambuco, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-6159-9606>; [girllayne.marques@gmail.com](mailto:girllayne.marques@gmail.com)

\*\*\* Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Departamento de Letras, Recife, Pernambuco, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-5263-2670>; [sianegois@yahoo.com.br](mailto:sianegois@yahoo.com.br)

<sup>1</sup> Página que publica postagens de forma anônima.

## Entrando no fluxo do diálogo

Vivemos em um mundo imerso em linguagem e, mais que isso, em um mundo que existe e se constitui na - e pela - linguagem. Esse entendimento tem várias implicações para os modos de compreensão das realidades sociais nas quais estamos imersos. Exemplo disso é que a própria afirmação social dos sujeitos – que também se constituem pela linguagem – só pode se dar por meio das práticas de linguagem das quais eles lançam mão para interagir socialmente nos diferentes espaços discursivos (reais ou virtuais) dos quais fazem parte (VOLÓCHINOV<sup>2</sup>, 2017 [1929]). Por conseguinte, por meio dos entendimentos de linguagem, de mundo e de sujeito, é que nos é possível acessar o que de ideológico o mundo tem.

Tomando esse entendimento de linguagem, que é social-dialógica, defendido pelo chamado Círculo de Bakhtin, torna-se impossível pensar as práticas discursivas fora das relações sociais que se estabelecem por meio delas e, sobretudo, fora das relações de sentido que se estabelecem nelas, ou seja, é impossível pensar a linguagem fora das relações dialógicas. É nesse sentido que Volochínov (2013a [1930]; 2017 [1929]) defende a natureza ideológica da linguagem, entendendo que ela perpassa os enunciados em todas as suas dimensões e especificidades.

A esse respeito, no texto *A palavra e suas funções sociais*, Volochínov (2013b [1930], p.197) defende que, devido a sua natureza social e ideologicamente dialogizada, no seu valor estilístico, “[...] a palavra torna-se arena da luta de classes [ou de grupos sociais distintos], a arena da dissidência de opiniões e de interesses de classes orientados de modos distintos”, evidenciando diferentes pontos de vista avaliativos. Nesse excerto, Volochínov, ao tocar na questão da natureza ideológica e dialógica das formas de linguagem e, mais que isso, evidenciar que ela serve de arena para encontro de diferentes vozes e pontos de vista, traz à discussão a possibilidade de a palavra (e também o enunciado) servir a diversos posicionamentos diante de uma situação dada. Assim, Volochínov dá indícios de que, no enunciado, acontece um jogo dialogal entre diferentes vozes sociais que pode dar sustentação a diversos fenômenos discursivos.

---

<sup>2</sup> O nome do autor será escrito de acordo com a grafia de duas diferentes traduções: Volochínov, na tradução de Wanderley Geraldi (2013), Volóchinov, na tradução de Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo (2017).

À vista disso, é possível constatar que a noção de linguagem que subjaz a esse entendimento também “[...] é o produto da atividade humana coletiva e reflete [mas também refrata] em todos os seus elementos tanto a organização econômica quanto a sociopolítica da sociedade que a gerou” (VOLOCHÍNOV, 2013a [1930], p.141). Desse modo, a palavra pode se tornar ponto de encontro de diferentes ideologias e vozes sociais, caracterizando momentos emotivo-volitivos em relação a situações dadas (BAKHTIN, 2010 [1919/1920]).

Exemplo desse encontro de vozes pode ser percebido por meio do fenômeno discursivo da ironia. Booth (1983), no seu texto *The Empire of Irony [O império da ironia]*, ao fazer uma retomada histórica do fenômeno da ironia, defende que, sendo um princípio estético, ela cria lugares de resistência e, por conseguinte, pode se mostrar como altamente ideologizada, ao fingir conciliar valores sociais conflituosos, juntando vozes sociais diversas e, assim, permitindo aos sujeitos apropriar-se de vozes outras para ridicularizá-las. Nesse processo de apropriação de vozes de outrem, a partir do que defende o autor, é possível supor que essas vozes que são apropriadas pelos sujeitos, no fenômeno da ironia, serão de outros grupos sociais, normalmente, opostos (ideologicamente), em algum sentido.

Corroborando esse modo de ver a ironia, no livro *Ironia em perspectiva polifônica*, Brait (2008, p.140) define essa estratégia discursiva como um “[...] jogo entre o que o enunciado diz e a enunciação faz dizer, com objetivos de desmascarar ou subverter valores, processo que necessariamente conta com formas de envolvimento do leitor, ouvinte ou espectador”.

Diante dessas conceituações da ironia de Booth (1983) e de Brait (2008), podemos perceber que, nelas, há indícios da natureza da linguagem defendida por Volochínov e exposta, em linhas gerais, acima. Ou seja, baseados nas discussões postas sobre a ironia, consideramos que ela se caracteriza como um espaço de relações dialógico-discursivas (que podem evidenciar relações de diálogo ou de tensão) entre dizeres de grupos sociais distintos.

Assim, considerando essas discussões sobre linguagem e ironia, bem como as práticas de linguagem que se dão em ambientes virtuais de interação, questionamo-nos em que medida a ironia se mostra como uma arena de dissidências de opiniões, de interesses de grupos sociais diferentes, refletindo e refratando discursos sociais outros.

Nesse sentido, objetivamos analisar se, e como, a ironia serve de zona de diálogo e de tensão entre diferentes vozes/dizeres, evidenciando-se como um discurso de resistência da mulher. Além disso, temos os seguintes objetivos específicos: analisar marcas dialógicas de reflexo e refração dos discursos machistas em comentários de mulheres e analisar como a voz de outrem é tomada à constituição de posicionamentos, instaurando a ironia-resistência<sup>3</sup> na enunciação.

Para atingir os objetivos acima dispostos, consideramos a questão da difusão de discursos que emergem frente à chamada “cultura do estupro” e optamos por analisar os comentários que fazem menção a discursos-mitos machistas<sup>4</sup> em relação ao crime do estupro contra mulheres. Selecionamos como *corpus* para essa análise uma publicação e alguns de seus comentários de uma página pública do *Facebook*, nos quais o fenômeno da ironia se faz presente. A escolha da publicação e dos comentários como *corpus* deveu-se ao fato de serem de acesso público e ao fato de a publicação ter gerado grande repercussão, sobretudo entre as mulheres, por meio dos comentários, passando, inclusive, a ser compartilhada em outras redes sociais e aplicativos de comunicação<sup>5</sup>. Por ser um espaço virtual de acesso público, a postagem teve muitos comentários que seriam passíveis de análise. No entanto, devido à limitação de espaço que este gênero discursivo que nos propomos a escrever impõe, optamos por analisar apenas cinco deles, apesar de a ironia se fazer presente em um número maior. Cabe mencionar ainda que, embora os comentários tenham surgido em ambiente virtual público e o acesso a eles seja irrestrito, optamos por preservar a identidade das pessoas responsáveis pela escrita dos mesmos. No que se refere à postagem, ela se deu de forma anônima.

Para este estudo, recorreremos a alguns escritos de V. Volochínov e M. Bakhtin sobre a natureza social da linguagem e as relações dialógicas, e aos estudos sobre a ironia como fenômeno discursivo, tais como o de Booth (1983), e o de Brait (2008), entre outros. Além disso, consideramos estudos sobre a ideologia patriarcal, os discursos machistas, o feminismo e a chamada “cultura do estupro”, já que essas questões, de algum modo, fazem parte deste trabalho.

---

<sup>3</sup> Chamamos de “ironia-resistência” a estratégia discursiva que visa contrapor discursos opressores alheios por meio da ironia.

<sup>4</sup> Chamamos de “discursos-mitos machistas” os dizeres socialmente correntes que atribuem a culpa do estupro a atitudes e comportamentos da mulher.

<sup>5</sup> Essa publicação, com alguns dos seus comentários, circulou, por exemplo, no aplicativo *whatsapp* (um dos autores deste artigo chegou a receber *prints* da publicação com alguns comentários em mais de um grupo dos quais ele faz parte no aplicativo).

Dito isso, passemos ao aprofundamento da compreensão de linguagem que embasa este artigo e que já foi, em linhas bem gerais, exposta nesta introdução.

## **1 Conceção social de linguagem: dialogismo como princípio básico da interação discursiva**

Para atingir os objetivos deste trabalho e, assim, buscar responder aos questionamentos geradores de nosso estudo, fundamentamo-nos na concepção social-dialógica de linguagem do Círculo de Bakhtin, pois ela considera a dimensão extraverbal da linguagem – que se refere às instâncias de enunciação –, o que é indispensável para a compreensão da ironia como um processo linguístico-discursivo de embate de ideologias e diferentes vozes. Passemos à discussão sumária de alguns aspectos dessa compreensão de linguagem.

O Círculo de Bakhtin advogou, no início do século XX, em favor de uma concepção social-marxista<sup>6</sup> de linguagem que considerasse as questões extraverbais. Essa nova forma de enxergar a linguagem trouxe, para o seu rol dos estudos, diversas questões antes ignoradas, sobretudo, no que se refere à sua natureza ideológica. Essa concepção social surge do contraponto feito por Volóchinov (2017 [1929]) às duas principais correntes linguístico-filosóficas em vigência no início do Século XX. Essas duas correntes foram denominadas de *objetivismo abstrato* e *subjetivismo individualista/idealista*.

Para Volóchinov (2017 [1929]), o *objetivismo abstrato* tem foco no “[...] sistema linguístico, compreendido como um sistema de formas fonéticas, gramaticais e lexicais” (p.155). É por isso que, para o estudioso, essa primeira tendência do pensamento linguístico-filosófico se baseia em um entendimento de língua “que se contrapõe ao indivíduo como norma inviolável e indiscutível, a qual só lhe resta aceitar” (p.156). O principal representante dessa tendência seria Saussure e, para Volóchinov (2017 [1929]), o grande equívoco dessa tendência foi deixar o social de lado.

Já o *subjetivismo individualista/idealista*, segundo Volóchinov (2017 [1929]), tem seu foco na expressão, entendida como “[...] algo que se formou e se definiu de

---

<sup>6</sup> Para Fanini (2015, p.19), o Círculo inaugura uma discussão inédita sobre o marxismo, pois, ainda segundo a autora, os estudiosos russos, contrariando a tradição hegemônica de centralidade do trabalho, enfatizam o caráter formador da linguagem na constituição do ser social já em suas primeiras instâncias.

algum modo no psiquismo do indivíduo e é objetivado para fora, para os outros com a ajuda de alguns signos externos” (p.202), ou seja, o que interessa são as relações psíquico-individuais do falante. Nessa perspectiva de estudo da linguagem, deve-se partir do interior para o exterior e, cabe ressaltar, esse exterior só se torna relevante a título de receptáculo, não interferindo na formação e constituição do enunciado. O principal representante dessa perspectiva seria Vossler e, embora o próprio Volochínov (2013c [1930], p.214-215), no texto *Sobre as fronteiras entre a poética e a linguística*, reconheça que essa perspectiva represente avanço em relação ao *objetivismo abstrato*, pois ela destaca o caráter criativo da enunciação isolada, o autor (2017 [1929]) defende que o grande erro dessa tendência também foi não considerar o social como constitutivo do enunciado.

Diante da crítica a essas duas perspectivas, Volóchinov (2017 [1929]) propõe uma nova, que considera as questões de ordem social como sendo constitutivas da linguagem. Essa concepção tem as seguintes proposições como base: o sistema de signos, por si só, não dá conta da realidade dos fenômenos linguísticos; a língua é um fenômeno em processo e esse processo se efetiva pela interação; as leis da evolução da linguística são sociológicas; a criatividade de uma língua está ligada aos valores ideológicos e essa criatividade é originada de uma necessidade social; e a enunciação é puramente social/ideológica (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p.223-224).

Por meio dessa defesa, o enunciado passa a ser entendido como a unidade por excelência da linguagem e, nele, diferentes questões passam a ser consideradas, pois considera-se sua parte verbal e a sua parte extraverbal. A parte *verbal* corresponde à “entonação”, à “seleção de palavras” e a sua “disposição no interior do enunciado” (p.174); a parte *extraverbal* corresponde à “situação” (que engloba o espaço e tempo, o objeto ou tema e a atitude dos falantes face ao que ocorre [p.172]) e ao “auditório” (VOLOCHÍNOV, 2013d [1930]).

Quando focamos a linguagem verbal materializada em enunciados, a questão da sua natureza social é determinante. Aqui convém lembrar e ressaltar que, no entender do Círculo, a linguagem é constituída a partir de um sistema linguístico (parte imanente), a língua no sentido saussuriano. No entanto, na interação verbal, a língua por si só não dá conta do todo da linguagem, por isso, na interação verbal-discursiva, são construídas relações de diálogo com diversas instâncias da enunciação, sem as quais a

comunicação seria inviabilizada (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]). Essas relações são as relações dialógicas.

Bakhtin (1998 [1934/35], p.81-82) reconhece que a língua é construída também socialmente, mas ela é da ordem do imanente, do repetível e, por isso, menos suscetível a mudanças, constituindo as chamadas “forças centrípetas”<sup>7</sup>. Nesse caso, afirma Bakhtin (2016 [1952/53], p.56-57), ao diferenciar a oração do enunciado, na língua, estabelecem-se relações lógicas. Já na linguagem<sup>8</sup> o que operam são as relações dialógicas que se materializam em unidades da interação verbal, em enunciados.

Assim, a partir dos estudos do Círculo, segundo Santos (2015), evidencia-se que, no plano da enunciação, a dialogização dos enunciados pode se evidenciar por meio: da orientação social, para o outro; da presença de diferentes vozes sociais que dialogam ou se conflitam; da materialização do enunciado enquanto elo entre os já-ditos e a presunção de respostas; da adequação ao contexto enunciativo; e das marcas valorativas/emotivo-volitivas/axiológicas do sujeito em relação ao objeto da enunciação.

Pensando assim, podemos dizer, como o faz Volóchinov (2017 [1929], p.109), que “[...] na palavra se realizam os inúmeros fios ideológicos que penetram todas as áreas da comunicação social”, e que “[...] as formas dos signos [e também dos enunciados] são condicionadas, antes de tudo, tanto pela organização social desses indivíduos quanto pelas condições mais próximas de sua interação”. Nessa linha de pensamento do autor, os enunciados, sendo perpassados pela história humana, não só refletem, mas também refratam, todos os fenômenos da vida social (VOLOCHÍNOV, 2013c [1930], p.195). Devido a isso, optamos por partir do reflexo e da refração da vida social para a análise da ironia, pois ela, a nosso ver, constitui-se por meio de tal processo.

É a partir da consideração dessas questões de linguagem e das marcas dialógicas que se evidenciam por meio dela que lançamos olhar ao fenômeno da ironia. Antes, no

---

<sup>7</sup> Para o Círculo, há na linguagem forças centrípetas que são responsáveis por manter a sua estabilidade. Tais forças são da ordem do imanente, do repetível, compartilhado entre os falantes. Há, em oposição a estas, as forças centrífugas, que se referem ao irrepitível, ao individual e sempre novo.

<sup>8</sup> Em russo não existem as duas palavras, língua e linguagem; ambas são contidas num mesmo lexema (язык). No entanto, usamos os dois termos no texto para nos referir a conceitos diferentes: a palavra *língua* se refere à parte sistêmica da linguagem; a palavra *linguagem* é tomada num sentido amplo, e é constituída a partir da união de questões extraverbais e sócio-ideológicas ao sistema linguístico; esta diz respeito direto à própria interação.

entanto, trazemos à discussão a ironia, entendendo-a como um fenômeno discursivo. Passemos à discussão.

## **2 A ironia como aresta avaliadora e estratégia discursiva**

Para falarmos do fenômeno discursivo da ironia, em um primeiro momento, fazemos uma retomada histórica dos estudos a esse respeito, ainda que sumariamente, para, em seguida, determo-nos em sua dimensão discursiva.

A primeira ocorrência do termo ironia remonta à Antiguidade Clássica, sob o termo grego *eironeia*, utilizado por Platão (1965), em *A República*, para referir à estratégia discursiva empregada por Sócrates em seu método maiêutico<sup>9</sup>. Para Platão, Sócrates utilizava-se, nos debates filosóficos, do que ele chama de pergunta irônica, como um meio para levar seus oponentes à contradição e ao ridículo, ao questionar-lhes através mesmo de suas asserções. Nesse contexto, segundo Miotti (2010, p.119), em trabalho no qual se investiga o riso, o termo ironia poderia ser entendido como “a ação de perguntar fingindo ignorar”.

Nessa primeira circunstância, já é evocado o caráter da ironia enquanto estratégia discursiva, consolidando-se, inclusive, sob o termo ‘ironia socrática’, ou ainda ‘pergunta socrática’. Desse modo, compreendemos que a ironia socrática funcionava de modo a evitar o dogmático e a questionar os sistemas de valores propostos por seus opositores, ao levá-los à contradição, sem, no entanto, assumir os riscos de um questionamento explícito. Isso ocorre porque, como pontua Hutcheon, em sua obra *Teoria e política da ironia* (2000), essa estratégia, em função de seu caráter inferencial, é, ao mesmo tempo, fingimento e comunicação.

Em meados do século XIX, no contexto do Romantismo alemão, emerge a formulação do conceito de ironia enquanto peripécia, suscitando, assim, uma nova reflexão sobre o acontecimento irônico, incluindo-o como fenômeno de linguagem respaldado em uma visão da vida, ou, ainda, como um fenômeno cósmico. A esse respeito, de acordo com Booth (1983), que faz uma retomada histórica da ironia, dois principais desdobramentos se desenvolvem a partir do diálogo entre essas concepções

---

<sup>9</sup> Método desenvolvido por Sócrates e que consiste em uma prática filosófica na qual, através de perguntas sobre determinado assunto, o interlocutor é levado a descobrir a verdade sobre algo.

de ironia: por um lado, os românticos alemães utilizam-se da ironia como uma forma de explicar o acaso do destino humano; por outro, a ironia vai se tornando um princípio estético que cria um lugar de resistência, mostrando-se muito frutífera, discursivamente, ao fingir conciliar valores conflituosos.

Essa mesma compreensão da ironia como uma tentativa de conciliação entre valores conflituosos é compartilhada com Volochínov (2013e [1926]) e serve como ponto de partida para a reflexão pontual sobre essa questão proposta no ensaio *O discurso na vida e o discurso na arte: sobre poética sociológica*. Nesse texto, o estudioso advoga que a linguagem na vida é da mesma natureza da linguagem na arte e, nesse ínterim, menciona pontualmente o lugar da ironia nessas intersecções. Volochínov (2013e [1926]) considera que, geralmente, autor e ouvinte posicionam-se como aliados em relação à entoação dada ao objeto do discurso. No entanto, algumas vezes, isso pode não ocorrer, sendo então o discurso marcado por um estilo polêmico, cuja “mais eminente forma de expressão” seria a ironia. Segundo ele, a ironia “está condicionada pelo conflito social: trata-se de um encontro, em uma mesma voz, de duas valorações encarnadas e sua interferência mútua, uma interrupção” (VOLOCHÍNOV, 2013e [1926], p.95-96).

A definição da ironia como uma interferência recíproca de julgamentos de valor também surge dentro da teoria da ironia proposta por Hutcheon (2000), que problematiza a sua abordagem baseando-se nas noções de sentido literal e sentido figurado. A autora adota os conceitos de dito e não dito para refletir sobre a ironia e argumenta que ela se dá na interferência entre eles, compreendendo o dito como o que é enunciado explicitamente e o não dito como a atitude que o ironista tem diante do discurso enunciado, o que se aproxima da noção de entoação de Volochínov (2013e [1926]).

Hutcheon defende ainda que o acontecimento irônico ocorre necessariamente na dimensão enunciativa da linguagem, em “formas de prática social, de interação entre participantes em situações particulares” (2000, p.134). Assim, a teoria interacional desenvolvida pela autora sobre a ironia e seu caráter político compreende duas principais argumentações: primeiro, que a ironia é um acontecimento e, segundo, que a ironia sempre representa uma atitude, particularmente de avaliação demasiadamente afiada, denominada pela autora como “aresta avaliadora”. Desse modo, Hutcheon

(2000) sustenta que “o sentido irônico não é, assim, simplesmente o sentido não dito e o não dito nem sempre é uma simples versão ou o oposto do dito” (p.30), pelo contrário, “[...] com a ironia existem, em vez disso, relações dinâmicas e plurais entre o texto ou elocução (e seu contexto), o dito ironista, o interpretador e as circunstâncias que cercam a situação discursiva” (p.27).

Como vimos, a ironia é uma estratégia discursiva cuja trama se constrói principalmente sob o pilar do fingimento e cuja função mais genérica é exatamente o contorno impreciso, dúbio, da relação do enunciador com o seu enunciado. Essa imprecisão se torna confortável do ponto de vista do ironista, pois ele se torna “extremamente difícil de atacar precisamente porque é virtualmente impossível fixar seu texto de maneira convincente” (MOI, 1985, p.40 *apud* HUTCHEON, 2000, p.35). Por esse motivo, a ironia seria um mecanismo estratégico para as pessoas se expressarem dentro de um sistema que elas julgam ofensivo, opressor (HUTCHEON, 2000, p.35), ao permitir que “um falante dirija comentários a um ouvinte que os entenderá bastante bem, fará saber que os entendeu e, contudo, nenhum dos participantes será capaz de responsabilizar o outro pelo que foi entendido” (GOFFMAN, 1974, p.515 *apud* HUTCHEON, 2000, p.82).

Desse modo, o duplo da ironia não se dá apenas no plano de vista da significação irônica, entre o que o enunciado diz e a enunciação faz dizer, mas se constitui como a própria engrenagem que possibilita a enunciação irônica, pois, considerando que a atitude do não dito se dá em relação ao dito, é fundamental que, para a efetiva significação irônica, dito e não dito coabitem no ato enunciativo, em consonância com a proposta de Hutcheon (2000).

A partir disso, é possível pensar a ironia enquanto um acontecimento que articula duas dimensões intimamente relacionadas, como o fez Brait (2008), em seu livro *Ironia em perspectiva polifônica*. A primeira se refere à dimensão da interação entre o ironista, o enunciado e o interpretador. A autora (2008, p.142) considera os enunciados irônicos “necessariamente como texto, isto é, como unidade de significação, como dimensão contextualizada”, pois a ironia, como toda manifestação discursiva, é uma atividade de linguagem, baseada de forma constitutiva na interdiscursividade. Assim, a ironia “[...] configura uma estrutura que, de alguma forma, depende da referência contextual, o que elimina a possibilidade de compreender a ironia unicamente

no nível da frase” (BRAIT, 2008, p.142). Tal posicionamento torna-se central para a ressignificação do estudo da ironia, que, no período clássico, baseava-se apenas na perspectiva da figura de linguagem.

Já a segunda dimensão se refere à interação entre o dito e o não dito, ou seja, à dimensão do “jogo entre o que o enunciado diz e a enunciação faz dizer, com objetivos de desmascarar ou subverter valores, processo que necessariamente conta com formas de envolvimento do leitor, ouvinte ou espectador” (BRAIT, 2008, p.140). Tal pressuposto da significação irônica surge na proposta teórica de Brait através da noção de interdiscurso, como formulada e desenvolvida dentro dos estudos bakhtinianos, sendo centrais, para endossar seu aparato teórico, as noções de dialogismo e polifonia<sup>10</sup>

A noção de dialogismo se articula à reflexão sobre a ironia em função da dependência contextual, com outros dizeres, ao esclarecer aspectos basilares do acontecimento irônico, particularmente aquele que se relaciona com a alteridade. Isso porque a ironia pode ser usada como uma estratégia de antecipação das respostas por parte dos interlocutores, sendo particularmente utilizada como forma de atenuar as respostas conflituosas. Brait (2008), em suas reflexões, adota noções como ruptura e antecipação de valores para argumentar sobre a eficiência da ironia em ambientes conflituosos, nos quais ela atuaria como uma espécie de *contradiscurso*, capaz de deslocar e eliminar a representação dominante do mundo, processo de muita importância quando os discursos estabelecidos têm grande capacidade absorvedora.

Essa capacidade de absorção dos discursos dominantes dialoga com o segundo aspecto desenvolvido por Brait ainda em torno da noção de dialogismo, ou seja, o diálogo que o discurso irônico estabelece com os discursos dominantes, que a autora trata sob o conceito de interdiscursividade. Nesse ponto específico, a enunciação irônica se utiliza dos discursos que a precederam, tornando-os objeto do próprio discurso. Para a autora, a ironia se estrutura por meio da fricção entre dois ou mais discursos antagônicos, cujo “[...] jogo, que se estabelece entre um texto e as presenças constitutivas de seu interior, articula-se ironicamente por meio de várias estratégias de

---

<sup>10</sup> O aspecto da polifonia não será aqui abordado, por ir além dos propósitos deste trabalho. No entanto, para Brait (2008), a ironia polifônica decorre da articulação, em um texto, de dois enunciados que evocam discursos provenientes de campos da atividade humana fracamente relacionados, sendo através desta articulação que a ironia se estrutura e acontece.

incorporação discursiva, de encenação do já-dito” (BRAIT, 2008, p.140-141). No entanto, Brait alerta que

as formas de recuperação do já-dito com objetivo irônico não assumem, como tal, a função de erudição, no sentido de invocação de autoridade e muito menos de simples ornamento. Ao contrário, são formas de contestação da autoridade, de subversão dos valores estabelecidos que, pela interdiscursividade, instauram e qualificam o sujeito da enunciação, ao mesmo tempo em que desqualificam determinados elementos (2008, p.141).

Assim, o jogo da ironia com os discursos dominantes se mostra muito eficaz, na medida em que permite ao discurso irônico tanto ganhar tempo (ser permitido e até ouvido, mesmo que não entendido) quanto tornar relativas a autoridade e a estabilidade dos discursos dominantes.

Posta a discussão sobre o fenômeno discursivo da ironia, a seguir passamos à discussão de alguns aspectos referentes à cultura patriarcal, à chamada cultura do estupro e aos mitos atrelados a esta.

### **3 Patriarcalismo, “cultura do estupro” e seus dizeres-mitos**

À discussão empreendida acerca do fenômeno da ironia foram articuladas outras igualmente relevantes à consecução dos objetivos da presente investigação, a saber: a relação de gêneros (especificamente da posição da mulher em relação ao homem em nossa sociedade), a ideologia patriarcal com suas implicações e, também, a chamada cultura do estupro (com os mitos-dizeres a ela atrelados).

Para tocar nessas questões, trazemos o conceito de patriarcalismo, definido por Barreto (2004), em texto no qual ela faz uma retrospectiva histórica da relação entre o patriarcalismo e o feminismo, como um conjunto de ideologias estruturais da sociedade atual que determinam que lugares o homem e a mulher devem ocupar, sendo que a mulher é sempre subjugada ao homem. Ou seja, nas palavras da autora, o patriarcalismo

[É] é caracterizado por uma autoridade imposta institucionalmente, do homem sobre mulheres e filhos no ambiente familiar, permeando toda organização da sociedade, da produção e do consumo, da política, à legislação e à cultura (BARRETO, 2004, p.64).

Ainda segundo a autora, esse modelo de sociedade, que subjuga a mulher, vem sendo contestado por movimentos sociais que visam à transformação e à conscientização da mulher. Para Barreto, o feminismo seria um dos maiores expoentes desses movimentos. Ele foi criado e, em sua maioria, liderado por mulheres que lutam pela igualdade de gênero e, assim, tem tornado a mulher sujeito de lutas em prol da igualdade em todas as instâncias de sua vida (BARRETO, 2004, p.73).

Quando pensamos nesse movimento de resistência da mulher na luta por igualdade, acabamos por pensar também, e inevitavelmente, nos modos pelos quais a ideologia patriarcal tem se reproduzido. A esse respeito, de acordo com Nascimento (2014, p.297), – em texto que se detém no estudo da divisão dos brinquedos entre meninos e meninas na reprodução da ideologia patriarcal –, o discurso patriarcal tem feito com que os sujeitos sejam cerceados, desde crianças, por meio de um “treinamento” que direciona meninos e meninas para assumir papéis sociais diferentes de acordo com o sexo e, nesse caso, a posição das meninas é sempre inferior à dos meninos.

Diante das afirmações da autora, é possível supor que o que se define como feminino ou masculino é, na verdade, introjetado por meio de uma cultura que diferencia homens e mulheres, destacando valores sociais para os membros de cada um desses grupos. Ou seja, segundo Nascimento (2014, p.298), “As crianças recebem uma educação sexista que, além de diferenciar homens e mulheres, transforma diferenças em desigualdades sociais naturalizadas como sendo algo definido biologicamente”.

Pensando no contexto altamente penetrado e definido pela cultura patriarcal no qual a mulher vive, Sousa (2017), buscando investigar alguns mecanismos que são responsáveis por promover a violência contra a mulher, mais especificamente a violência do estupro, no texto *Cultura do estupro: práticas e incitações à violência sexual contra a mulher*, fala sobre um conjunto de atos de violências físicas, psicológicas e simbólicas, de caráter sexual, que permitem falar em “cultura do estupro”. Para essa autora (p.10), o uso dessa denominação traz implicações sérias que devem ser pensadas socialmente, na medida em que chamar uma determinada prática da sociedade de cultura implica, necessariamente, o seu acontecimento de forma corriqueira e repetida.

Com isso, podemos perceber que a autora busca alertar para a frequência com que o crime do estupro tem acontecido em nossa sociedade, sobretudo contra as mulheres, pois, segundo ela, de diferentes modos, é a cultura do machismo que tem fomentado a perpetuação desse tipo de violência. Além disso, em muitos casos, os estupradores agem, justamente, apoiados nesses discursos que são transmitidos “[...] até eles, e por meio deles, das mais variadas formas” (SOUSA, 2017, p.12). Nota-se, pois, o enfoque que a pesquisadora dá ao processo de perpetuação de discursos de ordem machista que fazem com que a mulher acabe ocupando, majoritariamente, a posição de vítima desse crime. Ao observar esse destaque dado pela autora a essa perpetuação da violência do estupro, é importante notar que é a linguagem (discurso) o seu principal meio de perpetuação.

No que se refere a esses discursos socialmente correntes, eles têm apoio na ideia de que o poder está sempre nas mãos dos homens, sendo assim, um direito seu lançar mão desse direito como quiser e sempre que julgar necessário (SOUSA, 2017, p.13). Desse modo, temos um conjunto de valores social e historicamente constituídos, que trabalha em desfavor das mulheres, visto que, pelo que defende a autora, por meio de vozes sociais, esses valores relacionados ao machismo são perpetuados, revitimizando as mulheres que, em geral, são tidas como culpadas por se colocarem em situações de risco.

A partir da prática social de revitimizar a mulher por um crime que ela sofre, percebemos a emergência de discursos que visam a determinar um conjunto de regras que as mulheres devem seguir para, assim, verem-se como menos susceptíveis ao estupro. Essas regras geralmente indicam que tamanho de roupa a mulher deve vestir, que tipo de maquiagem ela deve usar, como deve se comportar na rua, quando e como beber, quais os horários apropriados para ela sair de casa, que lugares frequentar, etc., depositando, na mulher, a responsabilidade de outrem por um crime contra a sua integridade sexual (SOUSA, 2017).

No que se refere aos mitos-dizeres, expostos pela autora, relacionados ao crime do estupro contra a mulher, eles acabam vitimizando a mulher por um crime que ela sofre contra sua integridade. Sendo comum, por exemplo, ouvir discursos sociais que incentivam o homem a aproveitar toda a oportunidade de consumação sexual, pois o não que uma mulher possa vir a dizer, seria, na verdade, apenas reflexo do ensinamento de

que a mulher não deve dizer sim na primeira vez e, por isso, caberia ao homem reverter essa situação (SOUSA, 2017, p.13).

Na concepção da autora, seriam esses valores repassados de geração a geração, reproduzindo discursos que subjagam a mulher, que permitem denominar a cultura do estupro como um conjunto de violências simbólicas que legitimam e, de alguma forma, estimulam o crime de violação sexual da mulher.

Frente a esse panorama que se configura socialmente para a mulher, é mister considerar algumas questões. Segundo Sousa (2017), “Quando alguém tem um carro roubado, não se indaga sobre como lidava com o objeto antes do roubo” (p.16), no entanto, no caso do estupro, a coisa é diferente: não basta que se constate ato consumado; é feita uma apuração sobre o histórico da suposta vítima e, nela, leva-se em consideração a sua reputação e, atrelado a isso, é que se concede, ou não, o caráter de vítima de estupro para a mulher, pois ser considerada vítima de estupro “é um *status* social condicionado à reputação” (2017, p.16).

Além disso, um outro mito que se impõe a respeito do estupro é o de que, ao contrário do que se aconselha à vítima de um assalto – não reagir –, da vítima do estupro, espera-se o contrário disso. Ou seja, espera-se que “não só resista bravamente, mas que traga em sua pele as marcas da violência sofrida” (SOUSA, 2017, p.18).

Atrelados ainda à questão do estupro, há vários outros mitos como, por exemplo, o fato de que o crime pode ter sido apenas fruto da imaginação da vítima, o que, segundo Sousa (2017), é muito comum no caso de crianças serem vítimas.

A criança vítima de estupro muitas vezes é questionada à exaustão sobre a certeza da realidade dos fatos, ou se não se trata apenas de uma invenção ou má interpretação de algum gesto mais ambíguo que tenha partido do adulto (p.19).

Os mitos-dizeres não param por aqui: o depoimento da vítima contra alguém que é conhecido tem a tendência de ser abafado para não ‘destruir a vida do estuprador’, que é, até mesmo, tido como pessoa de família e bem vista pela sociedade, chegando mesmo a ser considerada uma ‘vítima’ da situação (SOUSA, 2017, p.19).

Sendo assim, como aponta a autora, é preciso considerar que para sociedade atual vítima e agressor são idealizados. À vítima de estupro cabem critérios rigorosos e muitas vezes intangíveis para que se possa classificá-la enquanto tal. Ao agressor, a

imagem de um sujeito “[...] bestial que fica na espreita de um beco escuro, esperando pela oportunidade de levar a cabo o seu desejo” (SOUSA, 2017, p.22).

Além disso, o estuprador, muitas vezes, também é caracterizado como “um sujeito de comportamento agressivo e suspeito que ataca suas vítimas de assalto” (p.22). Assim, passa-se a impressão de que o estupro se deve muito mais à falta de cuidado da vítima por sair sozinha à noite, tornando-se alvo fácil para o estuprador, do que propriamente por culpa única e exclusiva do agressor (SOUSA, 2017, p.22).

Desse modo, reproduz-se o discurso-mito de que esse crime contra a integridade sexual da mulher ocorre, sobretudo, devido à imprudência da vítima quanto à sua própria segurança, construindo-se “[...] a concepção de que determinados comportamentos, roupas, gestos, etc. fazem da mulher que os utiliza uma vítima potencial para o ato do estupro” (SOUSA, 2017, p.22-23).

Diante desses discursos-mitos, cabe advertir, como o faz Sousa (2017), que, de nenhuma forma, a violência contra a mulher deve ou pode ser justificada, cabendo à sociedade buscar meios que cooperem à igualdade de gênero.

Frente à discussão que se pôs sobre o estupro, torna-se possível compreender o porquê dos conflitos entre feministas e sociedade com respeito ao entendimento do que é estupro, quem são os estupradores e como um crime tão censurado é tão comum (SOUSA, 2017, p.24).

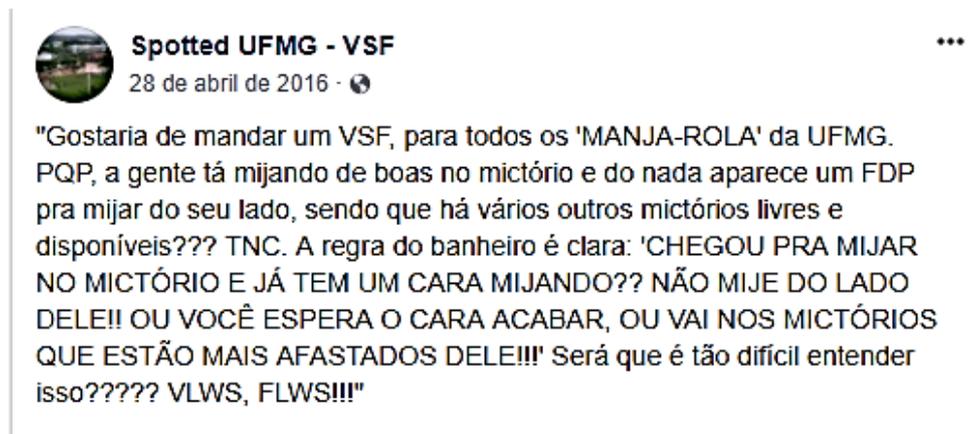
A partir disso, podemos perceber que a violência à qual a mulher está submetida é reflexo dos discursos machistas que estão apoiados na ideologia patriarcal. Assim, considerando que as redes sociais têm-se tornado palco de confrontos entre esses discursos-mitos e discursos de resistência, é que, na seção a seguir, lançamos o olhar para o fenômeno da ironia, por acreditar que ele dá espaço aos embates discursivos que evidenciam discursos de mulheres que buscam resistir às imposições e mitos da chamada cultura do estupro e das ideologias a ela atreladas.

#### **4 Análise do fenômeno discursivo da ironia: embates ideológicos em comentários do Facebook**

Iniciamos a análise das relações de diálogo e/ou de tensão entre diferentes dizeres, tomando as questões discutidas nas seções anteriores, sobretudo as

problemáticas da natureza dialógica da linguagem e da questão do fenômeno discursivo da ironia. Tomamos como *corpus* para essa análise uma postagem do *Facebook* e alguns de seus comentários, nos quais os discursos-mitos machistas relacionados ao estupro da mulher são tomados à composição da ironia.

Para a análise dos discursos de mulheres surgidos sob a forma de comentários, em um primeiro momento, julgamos ser necessário conhecer o contexto no qual eles emergiram. Os comentários estão relacionados a uma postagem da página *Spotted UFMG – VSF*<sup>11</sup>, na qual autores anônimos podem mandar um VSF (sigla para *vai se foder*) para pessoas e/ou situações da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais). As páginas do tipo *spotted* são caracterizadas justamente pelo anonimato dos autores. Vejamos a postagem geradora dos comentários:



**Figura 1:** publicação do *Facebook*<sup>12</sup>

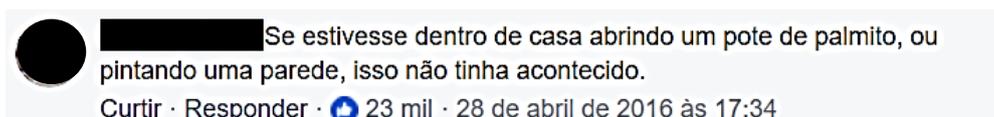
Como é possível perceber, a partir de indícios textuais e pelo próprio conteúdo da postagem, um homem manda um “VSF” para outros homens que estariam olhando para o seu pênis no momento em que o mesmo estaria usando o mictório da UFMG. A partir dessa postagem, surge uma série de comentários de mulheres que, dialogicamente, respondem-no refletindo e refratando discursos sociais (VOLOCHÍNOV, 2013c [1930];

<sup>11</sup> Essa página, segundo descrição do criador, surgiu devido à constatação de que não só de amores viveria a Universidade Federal de Minas Gerais, mas, também, de discórdias. Por isso, essa página se caracterizaria como um espaço no qual as pessoas da própria universidade poderiam mandar um “VSF” (sigla para “vai se foder”) para pessoas e/ou situações da mesma universidade, de forma anônima.

<sup>12</sup> Para fins de melhor compreensão do conteúdo da postagem, trazemos os significados das siglas usadas pelo autor anônimo, siglas essas comuns nas redes sociais: VSF significa *vai se foder*; PQP significa *puta que pariu*; FDP significa *filho da puta*; TNC significa *tá na cara*; VLWS é sigla para uma espécie de plural de valeu; e FLWS é sigla para uma espécie de plural de falou.

BAKHTIN, 1998 [1934-35]) machistas em relação à chamada cultura do estupro, tais quais os mitos-dizeres discutidos acima (SOUSA, 2017).

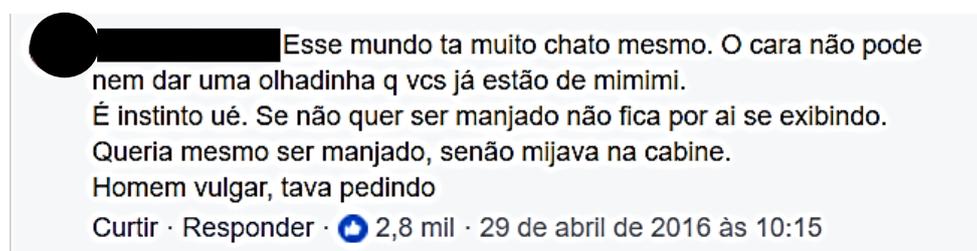
O primeiro comentário, responde dialogicamente à postagem, evidenciando marcas de dialogização do dizer (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]; SANTOS, 2015), por meio de uma relação de diálogo e de tensão com o discurso-gerador (BAKHTIN, 1998 [1934/35]). Vejamos:



**Figura 2:** comentário 1

Como pode ser percebido no comentário acima, a leitora 1, apropriando-se do discurso de outrem (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]; BAKHTIN, 1998 [1934-35]), no caso, do discurso machista em relação à cultura do estupro, ironiza a situação, ao dizer que se o homem estivesse dentro de casa, abrindo pote de palmito, ou pintando parede, isso não teria acontecido. Desse modo, a leitora 1 faz menção ao mito-dizer de que a mulher que é estuprada o é porque se expôs à situação de risco (SOUSA, 2017), pois ela deveria estar em casa, cuidando dos afazeres domésticos, das atividades que seriam atribuídas e repassadas a ela desde a infância (NASCIMENTO, 2014). Apropriando-se desse mito-dizer machista e refratando-o para comentar uma situação ocorrida com um homem, sendo mulher, a leitora 1 acaba por, dialogicamente, mostrar inconsistências desse discurso machista tomado à constituição do seu enunciado, instaurando, assim, em sua enunciação, uma posição de resistência a ele (BOOTH, 1983; BRAIT, 2008).

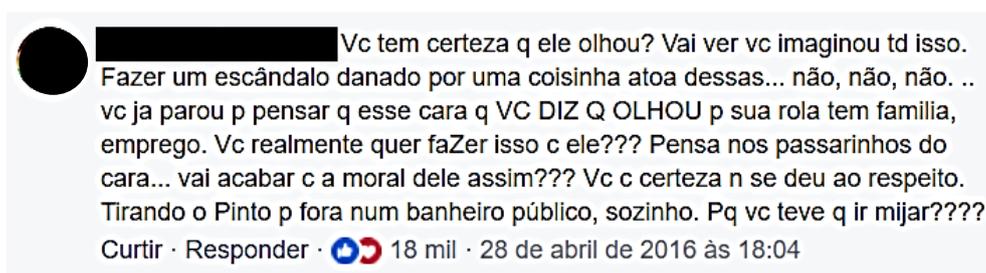
No comentário a seguir, da leitora 2, mais uma vez, há a apropriação do discurso de outrem, de teor machista, como uma estratégia para a construção da ironia. Vejamos:



**Figura 3:** comentário 2

A leitora 2, dialogicamente, reflete e refrata (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]) o discurso de que o assédio sofrido por mulheres não passa de “mimimi”, “frescura”. Além disso, a leitora também reflete e refrata o mito-dizer de que as atitudes de assédio de homens são fruto de seus instintos e o discurso machista de que a mulher que é assediada o é por se vulgar, que vive se exibindo, quase que pedindo para ser assediada, caso contrário, não se exporia a situações nas quais esse tipo de assédio pudesse acontecer (SOUSA, 2017). Mais uma vez, por a leitora 2 se apropriar de discursos dos quais ela não é o sujeito prototípico<sup>13</sup> (o sujeito prototípico seria o homem), a leitora acaba por, no embate entre dizeres, contestando o discurso machista.

No comentário a seguir, a leitora 3 refletiu e refratou um dos mitos relacionados ao estupro, pontuado por Sousa (2017), ao questionar sobre a certeza do acontecimento e, ao mesmo tempo, tocar na questão de que, por meio do que a “vítima” está afirmando, ela poderia acabar com a moral do “assediador”. Vejamos:



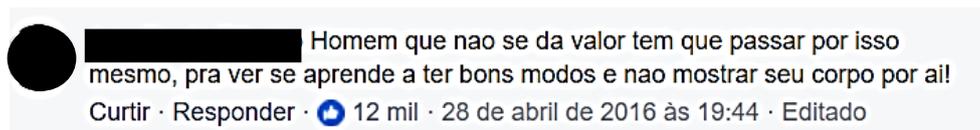
**Figura 4:** comentário 3

Como pode ser visto, no comentário acima, há a reprodução, de forma irônica, do mito de que o depoimento da vítima pode ser abafado para não ‘destruir a vida do estuprador’, que é até mesmo tido como pessoa de família e bem vista pela sociedade, chegando mesmo a ser considerada uma ‘vítima’ da situação (SOUSA, 2017. p.19). Como a própria leitora diz, não teria sido consequência da própria imprudência da “vítima”? Será que a “vítima” teria se dado ao respeito? Ou seja, a questão da reputação, mais uma vez, é tomada para ser confrontada (BRAIT, 2008). Assim, na apropriação de mitos-dizeres machistas, a leitora 3, sendo mulher, sujeito não prototípico dos discursos refletidos e refratados, acaba também por criar uma zona de

<sup>13</sup> Usamos esse termo para referir ao fato de que esses discursos, geralmente, são atribuídos aos homens, embora reconheçamos que mulheres podem também reproduzir esses discursos machistas – mas este não é o caso, a intenção da leitora foi ironizar a o autor anônimo da postagem.

tensão, por meio da ironia, instaurando, assim, um lugar de resistência aos discursos opressores (BOOTH, 1983; HUTCHEON, 2000; BRAIT, 2008).

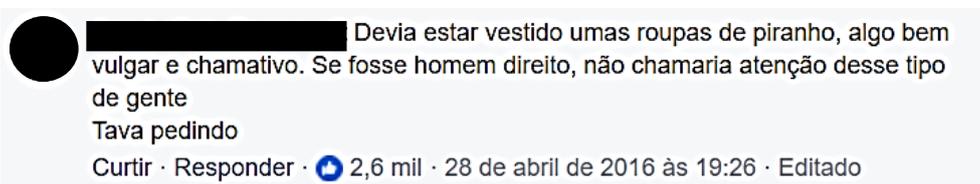
No comentário da leitora 4, há o questionamento da reputação da vítima, refletindo e refratando o discurso de que ser vítima de estupro está condicionado à reputação da pessoa que sofre esse crime (SOUSA, 2017). Vejamos:



**Figura 5:** Comentário 4

De acordo com o comentário da leitora, a partir do estabelecimento de relação dialógica com dizeres patriarcais e machistas (BARRETO, 2004; SOUSA, 2017) a culpa do “assédio” recebido é da própria “vítima”, pois ele, de acordo com a leitora 4, não se daria valor e, por isso, precisaria passar por isso para aprender a se comportar. Essa apropriação dos discursos machistas e relacionados à cultura do estupro evidencia a apropriação de dizeres de outrem (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]), em relação de tensão (BAKHTIN, 1998 [1934-35]) e acaba por instaurar a ironia como uma estratégia de resistência.

Por fim, a leitora 5, em seu comentário, reflete e refrata o discurso machista de que a mulher vítima de assédio provavelmente usava uma roupa bem chamativa (BARRETO, 2004; SOUSA, 2017). Vejamos:



**Figura 6:** Comentário 5

No comentário da leitora 5, é muito perceptível a zona de tensão entre vozes sociais, que, conseqüentemente, instaura a ironia-resistência, ridicularizando o dizer de outrem por meio dessa estratégia discursiva. Isso comprova o que Volochínov (2013c [1930], p.197) defende, ou seja, que “a palavra torna-se arena da luta de classes [ou de

grupos sociais distintos], a arena da dissidência de opiniões e de interesses de classes orientados de modos distintos”.

Como pudemos perceber, nos discursos acima analisados, a ironia é utilizada como estratégia discursiva de resistência das mulheres à cultura do estupro e aos mitos relacionados a esta. Desse modo, ao se apropriar dos discursos machistas, as mulheres acabam por instaurar uma zona de tensão em seus enunciados, que busca contestar os dizeres outros. Portanto, quando do uso da ironia, mais que lançar mão a um princípio estético, a mulher acaba por lançar mão de uma estratégia discursiva de resistência à discursos dominantes (BRAIT, 2008).

### **Considerações finais**

Este trabalho teve o objetivo de analisar se, e como, a ironia serve de zona de diálogo e de tensão entre diferentes vozes/dizeres, evidenciando-se como uma estratégia de resistência da mulher. Para tanto, recorreremos à compreensão de linguagem social, defendida por Volóchinov (2017 [1929]), na qual diferentes vozes, em relação de diálogo ou de tensão, coexistem (BAKHTIN, 1998 [1934-35]; às discussões sobre a ironia como um fenômeno discursivo que, pela apropriação do discurso de outrem, cria lugares de confronto entre dizeres (BOOTH, 1983; HUTCHEON, 2000; BRAIT, 2008, entre outros); e à considerações sobre a cultura machista, à sua perpetuação e à chamada cultura do estupro (BARRETO, 2004; NASCIMENTO, 2014; SOUSA, 2017). Assim pudemos lançar um olhar para o fenômeno discursivo em espaço virtual, por meio de comentários de mulheres na rede social *Facebook*.

A partir das análises, foi possível perceber que as leitoras, ao se apropriarem do discurso de outrem (discursos machistas) (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]), transformam a palavra (e o enunciado) em “[...] arena da luta de classes [ou de grupos sociais distintos], a arena da dissidência de opiniões e de interesses de classes orientados de modos distintos” (VOLOCHÍNOV, (2013b [1930], p.197). Outrossim, foi possível reafirmar, como o faz Bakhtin (1998 [1934-35]), o caráter de coabitação de diferentes vozes em um mesmo enunciado, podendo estabelecer relações de diálogo ou de tensão entre si.

No que se refere ao fenômeno da ironia em si, percebemos que, assim como já apontavam Booth (1983), Hutcheon (2000) e Brait (2008), essa estratégia discursiva serve como um meio para contestar, confrontar ou ridicularizar dizeres de outrem, por meio da estratégia em que há um “jogo entre o que o enunciado diz e a enunciação faz dizer, com objetivos de desmascarar ou subverter valores” (BRAIT, 2008, p.140). Desse modo, as mulheres, leitoras da postagem, por meio da apropriação dos mitos-dizeres machistas, apontados por Sousa (2017), acabaram, na interação entre o que os enunciados disseram e o que as enunciações fizeram dizer, tentar subverter a cultura machista e, conseqüentemente, a chamada cultura do estupro, mostrando suas inconsistências. Esse processo, evidenciou a ironia sendo usada, por mulheres, como uma estratégia de resistência da mulher.

Declaração de autoria e responsabilidade pelo conteúdo publicado.

Declaramos que todos os autores tiveram acesso ao *corpus* de pesquisa, participaram ativamente da discussão dos resultados e procederam à revisão e aprovação do final do trabalho.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, [1919/20] 2010.
- BAKHTIN, M. O discurso no romance. In: BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: A teoria do romance*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini *et al.* São Paulo: Editora Unesp, 1998, p.71-210. [1934/35]
- BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Trad. São Paulo: Editora 34, 2016 [1952/53].
- BARRETO, M. Patriarcalismo e o feminismo: uma retrospectiva histórica. *Revista Ártemis*, v. 1, p.64-73, 2004.
- BOOTH, W. The Empire of Irony. *The Georgia Review*, v. 37, p.719-737, 1983.
- BRAIT, B. *Ironia em perspectiva polifônica*. 2. ed. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2008.
- FANINI, A. Embate dialógico entre leitura e escrita: manifestação de uma ética da ação discursiva a partir do Círculo bakhtiniano. *Bakhtiniana*, São Paulo, v.10, n.2, p.17-35, 2015.

HUTCHEON, L. *Teoria e política da ironia*. Trad. Julio Jeha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

MIOTTI, C. *Ridentem dicere uerum*: o humor retórico de Quintiliano e seu diálogo com Cícero, Catulo e Horácio. Tese de Doutorado. Campinas, SP: Unicamp, 2010.

NASCIMENTO, A. Divisão sexual dos brinquedos infantis: uma reprodução da ideologia patriarcal. *O social em questão*, ano XVII, n. 32, 2014.

PLATÃO. *A República*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1965.

SANTOS, A. Linguagem e construção de sentido: o dialogismo como característica base da interação verbal. *Odisseia*, Natal, RN, n. 15, p.18-30, 2015.

SOUSA, R. Cultura do estupro: prática e incitação à violência sexual contra mulheres. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 25, n. 1, p.9-29, 2017.

VOLOCHÍNOV, V. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Sheila Grillo e Ekaterine Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929].

VOLOCHÍNOV, V. Que é a linguagem? In: VOLOCHÍNOV, V. *A construção da enunciação e outros ensaios*. Trad. João Wanderley Geraldi. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2013a [1930]. p.131-156.

VOLOCHÍNOV, V. A palavra e suas funções sociais. In: VOLOCHÍNOV, V. *A construção da enunciação e outros ensaios*. Trad. João Wanderley Geraldi. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2013b [1930]. p.189-212.

VOLOCHÍNOV, V. Sobre as fronteiras entre a poética e a linguística. In: VOLOCHÍNOV, V. *A construção da enunciação e outros ensaios*. Trad. João Wanderley Geraldi. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2013c [1930]. p.213-249.

VOLOCHÍNOV, V. A construção da enunciação. In: VOLOCHÍNOV, V. *A construção da enunciação e outros ensaios*. Trad. João Wanderley Geraldi. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2013d [1930]. p.157-188.

VOLOCHÍNOV, V. A palavra na vida e a palavra na poesia: introdução ao problema da poética sociológica. In: VOLOCHÍNOV, V. *A construção da enunciação e outros ensaios*. Trad. João Wanderley Geraldi. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2013e [1926]. p.131-156.

*Recebido em 25/07/2018*

*Aprovado em 28/10/2018*